

Intervenção em avenidas

Fabio Portugal Sorrentino

Minha intervenção não sei se é máxima ou mínima, mas é contínua.

A MIP é um enfrentamento ativo da realidade, movido pelo sonho de outra. Se a realidade sonhada difere tanto da vivida, por onde começar? O oceano de injustiças e escrotisses afoga.

Começo pelo caminho que pedalo todo dia. Casa, ruas, Avenida Independência, Rodovia Luis de Queiroz, ESALQ. ESALQ, Rodovia, Avenida, ruas... um carro corta em minha frente e tenho que frear. Outro, corre tirando um fino de minha bicicleta. Ouço o ronco do busão e subo na calçada. Decido ir pela calçada. Paro na faixa de pedestre para atravessar a avenida, mas ninguém mais para. Agradeço o motorista que fez a gentileza de não ser mais um imbecil. Atravesso, e espero o fluxo de automóveis no sentido contrário da avenida, ainda na faixa. Fico puto e começo a atravessar, impondo a “gentileza” com a mão aberta na direção dos carros, “Olha a faixa”. Pedalo, dividindo a calçada espremida com os pedestres. Volto para a rua, e pedalo no acostamento, pois os carrões fodões não a dividem comigo.

Minha intervenção, portanto, é simples e contínua. É uma troca de hábitos - mas, mais profundamente, uma estratégia política. É tentar viver uma ideologia, resistir à uma injustiça. Sempre que pedalo em ruas com mais de uma faixa, pedalo ocupando uma delas. Explico melhor os motivos no texto abaixo, que colarei por Piracicaba.

Minhas tentativas de expandir esta ação para além da individual foram, até agora, conversas com amigos, e ocupar as faixas com alguns deles. Vou colar cópias do texto abaixo pela cidade, conversar com outras pessoas, utilizar outras metodologias e tentar transformar esta intervenção individual em movimento coletivo.

Ocupar faixas é estratégia para criar caos no trânsito, pedalar com mais segurança do que pelo acostamento, impor visibilidade às bicicletas e não aceitar sua marginalização. Através disso, e da divulgação das ideias por trás da ocupação e do uso da bicicleta em si, busco a sensibilização e participação do outro, seja ciclista, motorista ou pedestre.

O caos força políticas públicas de mobilidade urbana. Espero.

Convite aos ciclistas

Não existem dúvidas, atualmente, sobre a impossibilidade de continuarmos no sistema de transporte centrado nos carros. Eles poluem a atmosfera, o ar das cidades, o som das cidades. A proporção irracional entre seu tamanho e a quantidade de passageiros gera um tráfego lento e irritante. É inútil pensar em soluções para os congestionamentos sem atacar o núcleo do problema: milhares de carros ocupados por uma pessoa cada. É urgente a mudança de meios.

A bicicleta não é só um brinquedo de criança ou um veículo de passeio. Ela é um meio de transporte que não polui no seu uso, nem o ar nem sonora, não ocupa um espaço absurdo e exercita uma sociedade repleta de sedentários. Ou seja, melhora a saúde da população, tanto de quem pedala e se exercita, quanto de quem deixa de respirar um ar poluído, diminuindo o gasto público com saúde.

A bicicleta não acorda quem dorme no meio da noite com o ronco de seu motor. Ela não ocupa tanto espaço, liberando grandes áreas asfaltadas para plantio de árvores. Por não ocupar tanto

espaço, também resolve os congestionamentos, diminuindo o tempo que cada um leva para chegar a seu destino.

Então, temos uma cidade menos barulhenta, mais fresca, com o ar menos poluído e pessoas mais saudáveis, que dormem melhor e não são tão irritadas. O solo que antes era coberto e impermeabilizado pelo asfalto, impedindo a infiltração da água da chuva e causando enchentes, agora é coberto apenas por folhas. A chuva infiltra no solo. As enchentes (provavelmente) acabam, e o abastecimento hídrico (atualmente em crise) melhora. As pessoas não desperdiçam parte de suas vidas dentro do carro em um congestionamento.

Incrível, não? Obviamente, é tudo ignorado por políticos e governantes, que aumentam as faixas de carro fingindo achar que solucionaria os problemas.

A realidade é que, longe dos ciclistas receberem incentivos por sua opção indiscutivelmente melhor e mais sustentável, recebem desincentivos diários. Do motorista que buzina e xinga, ao constante risco de atropelamento e morte. Somos marginalizados por todo um complexo sistema político, econômico, social e cultural. Somos empurrados aos acostamentos e calçadas, escolhendo entre transitar no meio de pedestres, ou tomar finos e cortadas de carros.

É hora de nos apoderarmos das ruas das cidades. Se uma pessoa em um carro pode ocupar uma faixa da rua, por que uma pessoa em uma bicicleta não pode? Em cidades violentas e raivosas, pedalar sozinho ocupando uma faixa é tão perigoso quanto o acostamento. Então ocupemos em grupos! Converse com outros ciclistas que fazem a mesma rota que você, pedalem juntos e ocupem a faixa.

Se a rua tem mais de uma faixa, uma delas é nossa. Pedalamos com mais segurança, e de quebra causamos um pouco de caos no trânsito monopolizado pelos carros. Talvez mude algo.

Pois já basta de aceitar injustiças. Basta de ignorar o absurdo da realidade, crer em soluções ilusórias. Se querem nos marginalizar, nos expulsar das ruas, ignorar nossa presença e nossos direitos, vamos nos impor.

Vá de bicicleta, e ocupe uma faixa!